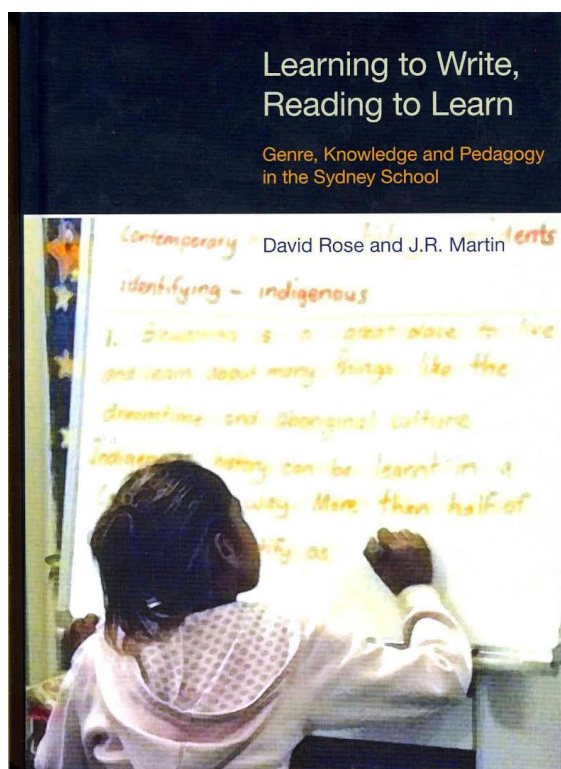


Resenha

ROSE, D.; MARTIN, J. R. *Learning to write. Reading to learn. Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Sheffield, UK; Braistol, USA: Equinox, 2012. 367p.

Orlando VIAN JR.*

* Mestre e Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Estágio pós-doutoral na PUC-SP e na Universidade de Sydney, Austrália. Professor Associado do Departamento de Letras/Inglês e do Programa de Pós-graduação em Letras da UNIFESP. Contato: orlando.unifesp@gmail.com.



Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 21, n. 2, p. 267-272, ago. 2018

Recebido em: 20/06/2018

Aceito em: 01/10/2018

Resenha

ROSE, D.; MARTIN, J. R. *Learning to write. Reading to learn. Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Sheffield, UK; Braistol, USA: Equinox, 2012. 367p.

Orlando Vian Jr.

O programa de letramento com base em gêneros do discurso da Escola de Sydney é um projeto educacional que já se estende por mais de três décadas na Austrália, culminando com a publicação da obra *Learning to write. Reading to learn. Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*, de David Rose e James R. Martin, embora apenas recentemente tenha começado a fazer parte de pesquisas e tenha sido inserido nos círculos de estudos sobre gêneros do discurso e pedagogias de ensino de língua materna e adicionais no Brasil.

Trata-se, portanto, mesmo tendo sido publicada em 2012, de uma novidade em muitos contextos no Brasil, onde a Linguística Sistêmico-Funcional é pouco conhecida como uma abordagem para o ensino de línguas, mesmo com uma significativa quantidade de publicações sobre letramento e aspectos associados à Escola de Sydney, desde questões relacionadas à formação de professores, e uma vasta publicação de materiais didáticos para ensino em diferente segmentos educacionais.

Há, na pedagogia de gêneros proposta por Rose e Martin na obra, uma relação indissociável entre gênero, conhecimento e pedagogia. Advém daí o fato de a abordagem proposta pelos autores ser geralmente referida como uma “pedagogia baseada em gêneros”, “pedagogia de gêneros” e, mais comumente, “Escola de Sydney”. A referência a Sydney deve-se não somente à cidade, mas também pelo fato de Rose e Martin, bem como outros colaboradores relacionados aos projetos associados a essa pedagogia, estarem ligados ao Departamento de Linguística da Universidade de Sydney.

Ao leitor brasileiro, ainda, é importante enfatizar que a Austrália possui uma população bastante diversa do ponto de vista cultural, muitas vezes referida como uma nação de imigrantes, sem mencionar a população aborígine. Os autores apontam (p. 3) que o problema que surgiu no contexto australiano foi que o construtivismo era orientado para os interesses das famílias de classe média e, conseqüentemente, as comunidades de imigrantes e aborígenes tornaram-se grupos marginalizados nas escolas.

Desse contexto diverso, tanto cultural quanto linguisticamente, emerge a pedagogia proposta pelos autores, desenvolvida ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000, por meio de projetos, principalmente os três mais duradouros e conhecidos: *Writing Project* e *Language and Social Power*, nos anos 1980; *Write it Right*, nos anos 1990; e *Reading to Learn*, nos anos 2000, e que perdura até o presente.

A obra desenvolvida pelos autores segue essa cronologia e os capítulos estão estruturados a partir desses projetos, ao passo que as bases teóricas, metodológicas e epistemológicas da Pedagogia de Gêneros da Escola de Sydney vão sendo apresentadas. Associado aos princípios da gramática sistêmico-funcional proposta por Halliday, a base linguística da proposta, o arcabouço educacional no qual a obra se baseia é a Sociologia da Educação de Basil Bernstein, autor também de pouca penetração no Brasil na área da Educação.

O leitor brasileiro, principalmente os professores e demais profissionais que estão envolvidos ou querem se envolver com uma pedagogia de gêneros, deve estar atento ao princípio essencial da abordagem, pois, para os autores (p. 2), o ensino efetivo envolve oferecer aos aprendizes conhecimento explícito sobre a língua em que o currículo é produzido e negociado na sala de aula. Por essa razão, a noção de Conhecimento Sobre a Língua (CSL – ou *Knowledge About Language* [KAL] em inglês) tem importância crucial na abordagem.

A experiência australiana advinda dos projetos, associada aos trabalhos com o CSL adotando-se os princípios propostos por Halliday e colaboradores na gramática sistêmico-funcional, conjugada à epistemologia da Sociologia da Educação de Bernstein, fundamentam a estrutura base da proposta da Pedagogia de Gêneros da Escola de Sydney.

Tomando-se esse cenário sociocultural e teórico-metodológico como norte, o Capítulo 1 da obra, intitulado *Contexts*, tem como objetivo principal explicitar os princípios das três noções que fundamentam a proposta, como já antecipado: gênero, conhecimento e pedagogia. Os autores ainda explicitam o contexto australiano, justificando o porquê da falha do modelo construtivista e como o modelo baseado em gêneros emergiu. São apresentados, no capítulo, os cinco elementos gerais de uma atividade de aprendizagem, cujo foco central é uma tarefa, e que compreendem: Preparação, Foco, Tarefa, Avaliação e Elaboração (p. 11). A partir da adoção desses elementos, são explicitados os princípios sistêmico-funcionais incorporados à proposta, nomeadamente: as noções de metafunção; os níveis com base nos quais a língua é organizada, segundo Halliday (1978, 1985), ou seja, discurso, léxico-gramática e fonologia/grafologia; os contextos de situação (Registro) e de cultura (Gênero) em que os textos são produzidos; a relação entre língua e os sistemas que a organizam para que os usuários possam falar, ouvir, ler e escrever, isto é, construir sentidos nas interações em suas práticas sociais ao usar a linguagem.

Feita essa introdução geral à abordagem, seu histórico e seus princípios-chave no primeiro capítulo, os próximos três capítulos estão organizados a partir dos projetos desenvolvidos entre as décadas de 1980 e 2000 pelos pesquisadores da Escola de Sydney. Desse modo, o Capítulo 2 – *Language and Social Power* – trata do ensino da escrita no que corresponde ao ensino fundamental (*primary school*) na Austrália. São apresentadas, no capítulo, interações entre professor e aluno e sinaliza-se a necessidade de uma metalinguagem para a familiarização com os gêneros que circulam na escola, bem como seus propósitos sociais e as partes estruturais que os organizam, em termos de estágios e fases. Esses aspectos serão utilizados pelo professor para que possa desconstruir os textos com os alunos, para que

estes se familiarizem com as partes dos diferentes gêneros a que serão expostos em sua prática escolar e social. Desenvolvida a fase de desconstrução, seguem-se as fases de construção conjunta e de construção independente dos diversos textos pertencentes aos gêneros que circulam na escola e que poderão promover a negociação de sentidos entre alunos e professores.

Apresentadas as bases para o letramento social de crianças na escola fundamental, o Capítulo 3 – *Write it Right/the Right to Write* – foca nos gêneros que circulam no ensino médio (*secondary school*) e em relação aos quais os alunos terão que desenvolver a compreensão leitora e a produção escrita. O foco do capítulo são os diferentes gêneros relacionados a distintos tipos de experiências a serem abordados no ensino médio: descrição, relatório, relato, explicação, dentre outros. São discutidos, portanto, no capítulo, e em diferentes disciplinas do ensino médio, os aspectos dos gêneros que circulam nesse segmento, bem como aspectos gramaticais sensíveis a eles, tais como a metáfora gramatical (p. 116), por ser um modo como as informações são encapsuladas em textos nas ciências sociais e nas ciências exatas.

O título do Capítulo 4, *Reading to Learn*, é derivado da terceira fase do projeto e toma por base a educação indígena na Austrália. No decorrer do capítulo são apresentadas estratégias para que os alunos possam se envolver e tomar conhecimento dos principais textos que circulam no currículo escolar. São expostos os três níveis de estratégias passíveis de uso no ensino médio, a saber: (i) preparação para leitura, construção conjunta e construção individual; (ii) leitura detalhada, reescrita conjunta, reescrita individual; (iii) organização/escrita de parágrafos, questões da escrita de palavras/ortografia, escrita de orações (p. 147). Outro aspecto abordado no capítulo são estratégias para o trabalho com estruturas históricas (*stories*), bem como textos factuais e argumentativos, assim como suas características linguísticas. Os autores encerram o capítulo com os elementos que compõem a teoria e a prática do Projeto Ler para Aprender (*Reading to Learn*).

A metalinguagem gramatical necessária para o trabalho do professor na preparação de suas aulas, em suas avaliações e nas discussões em sala de aula são o foco do Capítulo 5 – *Knowledge about Language (KAL)*. Nele, os autores iniciam afirmando que a língua é o sistema mais complexo, conforme demonstrado no decorrer dos capítulos anteriores e, nesse capítulo, trabalham com o que afirmam ser o conhecimento colossal que professores e alunos possuem sobre a língua, mas que, em sua maioria, é intuitivo ou inconsciente (p. 235). A base do capítulo é a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday. Utilizando esse arcabouço teórico, os autores desenvolvem uma metalinguagem gramatical a ser trabalhada em sala de aula pelos professores, para que possam selecionar e analisar os textos do currículo, planejar suas aulas, ensinar e avaliar o progresso dos alunos. Os autores sinalizam que o intuito não é fornecer um complexo embasamento teórico, mas uma metalinguagem para que o professor possa modelar as sequências e as atividades desejadas, apresentando elementos comuns a diferentes gêneros e necessários aos alunos para seu desenvolvimento no decorrer do programa escolar. Visa, ainda, ao desenvolvimento de confiança e segurança

em suas habilidades de leitura e escrita. Este capítulo, para o leitor brasileiro não familiarizado com os aspectos da Teoria Sistêmico-Funcional, pode parecer um desafio, mas revela-se como um cabedal útil e necessário, com recursos para a negociação do currículo e, como os autores afirmam, “um conjunto sistemático de ferramentas para interpretar as interações de aprendizagem” (p. 303).

Por fim, no Capítulo 6 – *Knowledge about Pedagogy* –, os autores revisitam o conhecimento acumulado pelos projetos de pesquisa desenvolvidos no âmbito da Escola de Sydney. São apresentadas estratégias planejadas para o ensino da leitura e da escrita em sala de aula, assim como os quatro aspectos relacionados à educação profissional: (i) o conhecimento sobre língua e sobre pedagogia; (ii) o planejamento das aulas; (iii) a implementação em sala de aula; e (iv) a avaliação do desenvolvimento dos alunos. Também é apresentado o chamado Ciclo de Ensino e Aprendizagem (*Teaching/Learning Cycle*) e seus aspectos visando ao uso crítico das habilidades, do conhecimento, da língua e dos gêneros. Os autores encerram a obra convocando a teoria de Bernstein e o papel da educação como central à base de conhecimento da sociedade. Ao final, afirmam que “tentaram mostrar como uma pedagogia de gênero pode aumentar a confiança de cada aluno ao incrementar suas habilidades para a leitura e para a escrita” (p. 332).

A produtividade dessa pedagogia, não só na Austrália, mas também em diversos outros países ao redor do mundo e em diversas línguas, têm revelado resultados bastante positivos, fazendo surgir, por conseguinte, várias experiências de aplicação a outras línguas e contextos, como é o caso do projeto *Teacher Learning for European Literacy Education (TeLAELE)*, desenvolvido em diversos países/idiomas na União Europeia. Ou o caso da Indonésia, conforme experiências relatadas em Ningsih (2016). Em espanhol, foi publicado o volume monográfico 46 da revista *Lenguaje y Textos*, relatando experiências de aplicação da Pedagogia de Gêneros da Escola de Sydney em países como Chile e Espanha. Além disso, foi publicada em espanhol (ROSE; MARTIN, 2018) uma tradução da obra aqui resenhada.

No Brasil, há grupos de estudos e de pesquisas sobre a Pedagogia de Gêneros da Escola de Sydney em universidades em diferentes regiões, tais como: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade de Brasília (UnB), Universidade de Pernambuco (UPE), dentre outras. No âmbito do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade de Pernambuco têm sido desenvolvidos projetos como os relatados em Silva (2016) e Souza (2016), em que os princípios do Projeto *Reading to Learn* são adotados. Trata-se, portanto, de um material deveras relevante aos pesquisadores e professores brasileiros interessados na implementação de uma pedagogia de gêneros em seus contextos de prática.

REFERÊNCIAS

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning.** London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold, 1985.

NINGSIH, H. K. **Multilingual re-instantiation: genre pedagogy in Indonesian classrooms.** 2016. PhD Dissertation (Linguistics) – University of Sydney, Sydney.

ROSE, D; MARTIN, J. R. **Leer para aprender.** Lectura y escritura en las áreas del currículo. Madrid: Pirámide, 2018.

SILVA, V. M. **Ciclo de ensino-aprendizagem na escola e estórias escritas: um estudo de problemas fono-ortográficos.** 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata.

SOUSA, M. **Ciclo de ensino e aprendizagem, gramática e contexto: um estudo do uso dos processos em estórias na escola.** 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade de Pernambuco, Nazaré da Mata.